

Luciano de Melo Sousa
Joyce Ravena Freitas Bastos

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

grupo de trabalho

GT 15: Políticas públicas e a formação docente em ciências sociais: Limites e possibilidades

**RODAS DE CONVERSA E O PIBID-SOCIOLOGIA (UESPI):
DIÁLOGOS PROBLEMATIZADORES COMO METODOLOGIA DE
ENSINO**

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

A temática do ensino de Ciências Sociais não é simples, seja pela pequena tradição de seu ensino (reintroduzido na grade curricular em 2008), seja pelas dificuldades de seu desenvolvimento (geralmente, uma hora-aula semana, professores regentes sem a devida formação na área e a própria resistência do sistema de ensino em aceitar uma disciplina com perfil crítico-analítico). Por outro lado, a construção de um ensino significativo para as Ciências Sociais perdura como um projeto necessário, especialmente, para os estudantes da educação básica brasileira (SOUSA e NASCIMENTO, 2020).

Diante dos desafios para viver um aprendizado significativo da Sociologia que supere o simples ensino voltado para a memorização de conceitos, as experiências com as rodas de conversa como projeto do Pibid-Sociologia Uespi (núcleo Teresina) têm indicado que é possível pensar sociologicamente a partir da partilha de experiências e saberes entre estudantes e professores. Para além das aulas expositivas e voltadas meramente para a memorização de teorias e conceitos, o esforço pedagógico das rodas volta-se para a construção de saberes próprios entre os educandos. Saberes práticos e mediados pela apreciação de conceitos e teorias das Ciências Sociais e as experiências dos estudantes.

O Pibid-Sociologia é um campo que propicia aos licenciandos a realização de “experiências que lhes permitam, coletivamente, identificar e refletir sobre os desafios presentes no contexto da educação básica e de seus sujeitos” bem como para “reconhecer e utilizar distintas metodologias de ensino, materiais e recursos didáticos em processo dialógico com os fundamentos teóricos da Sociologia” (BODART; BRUNETTA e CIGALES, 2020, p. 309). Essa premissa orienta todo o processo de construção das experiências pedagógicas do Pibid-Sociologia (Uespi – núcleo Teresina) ao mesmo tempo que desafia seus autores a superarem os formatos tradicionais de ensino em favor de uma educação analítica e crítica. Ao tempo que busca compreender como vem se dando o ensino da Sociologia no Centro de Educação em Tempo Integral Monsenhor Raimundo Nonato Melo, também desafia os seus autores a explorar diferentes metodologias e materiais didáticos. O primeiro objetivo vem se dando por meio do projeto de monitoria: os monitores são os próprios licenciandos do Pibid que acompanham as turmas das três séries do Ensino Médio da referida escola de modo remoto. Por sua participação nos grupos de whatsapp das turmas, os pibidianos acompanham as aulas, metodologias de ensino, participação dos estudantes, processos de avaliação etc. O segundo objetivo tem sido contemplado com o desenvolvimento das rodas de conversa (objeto deste relato de experiência).

As rodas de conversa consistem em encontros virtuais para debater temas previamente definidos pelos estudantes do ensino médio da escola estadual Monsenhor Raimundo Nonato Melo (localizada na zona leste de Teresina e atende estudantes provenientes de bairros periféricos). Por conta da pandemia de Covid-19, não houve oportunidade de encontros presenciais. A partir de encontros com os educandos da escola, são propostas pelos mesmos possíveis temáticas. A equipe de estudantes do Pibid, juntamente com seu coordenador, discute possíveis aspectos relevantes do tema em apreço. Passam para pesquisas sobre os pontos escolhidos. Produzem um texto prévio que é apreciado pelo coordenador que faz sugestões para alguns acréscimos e correções. Esses textos vêm compor a apostilha que serve de apoio para a orientação da roda de conversa. Previamente, é disponibilizada para os estudantes da escola como uma referência que pode estimular indagações. A equipe do Pibid se reúne previamente para definir a coordenação da roda e marca-se o encontro virtual para debater a temática.

O presente relato de experiência atem-se a quatro rodas de conversa: duas sobre a temática consumo e duas outras sobre a temática racismo. Delas participaram os estudantes das três séries do ensino médio. Previamente são disponibilizados aos educandos materiais pedagógicos de apoio (vídeos, podcasts, apostilas) para subsidiar as trocas de saberes. Esses recursos pedagógicos são objetos das pesquisas feitas pelos pibidianos. Esse processo de pesquisas documentais é fundamental para a formação dos futuros educadores. As práticas de pesquisa e de autonomia docente são princípios essenciais para a construção de professores capazes de promover uma educação contextualizada e problematizadora. A ideia de um professor que não depende exclusivamente do livro didático ou de plataformas digitais previamente estabelecidas. Assim como é esperado o exercício da curiosidade e autonomia intelectual entre os estudantes (BNCC, 2018), precisa-se exercitar o pensamento livre e autônomo dos educadores. A equipe do Pibid-Sociologia optou por formar esse educador curioso e reflexivo já na sua formação como futuro docente. Além das pesquisas que animam as rodas de conversa, os licenciandos têm trabalhado com outros recursos reflexivos: a memória das atividades de acompanhamento dos grupos de whatsapp das turmas escolares em que estão inseridos (as monitorias). Essa etnografia do cotidiano das turmas virtuais fomenta o exercício de compreensão das práticas docentes e estimula a construção de possíveis soluções para os desafios encontrados durante as aulas remotas.

Por outro lado, essas pesquisas e materiais pedagógicos propostos fortalece a ideia de que os debates sob as orientações dos saberes das Ciências Sociais não se confundem com opiniões. Ao debater precisa haver sustentação em conceitos, dados e observações para fortalecer os argumentos em apreço. Almeja-se, conforme fundamento da BNCC (2018, p.

463), contribuir com a formação de jovens “como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis”. A autonomia intelectual é parte integrante da formação integral desses atores sociais.

As rodas de conversa virtuais são coordenadas por uma dupla de pibidianos e contam com a participação dos estudantes e professores da escola. Previamente é feito um convite que é compartilhado nos grupos de whatsapp dos estudantes e professores. Pontos de vista e questões são apresentados e, por meio da mediação dos conhecimentos pesquisados, são instigados a novas elaborações reflexivas. Assim esse trabalho tem como objetivo: analisar, do ponto de vista dos pibidianos, alguns dos aprendizados metodológicos sobre ensino da Sociologia a partir do desenvolvimento de rodas de conversa orientadas pela equipe do Pibid-Sociologia Uespi (núcleo Teresina), durante o primeiro semestre de 2021.

Segundo a BNCC (2018, p. 14), é preciso investir na “construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea”. As rodas de conversa se apresentam como estratégia pedagógica que busca dialogar com as necessidade e interesses dos estudantes. O fomento ao protagonismo dos jovens passa também por uma educação capaz de dialogar com as indagações e preocupações das juventudes que ocupam as salas de aula. O pesquisador Irapuan Lima Filho (2014, p. 111) alerta: “Um dos grandes problemas que se apresentam nas escolas brasileiras de hoje é a invisibilidade do jovem. Por incrível que possa parecer, o jovem simplesmente não é percebido dentro dos muros escolares, na maioria dos casos”. As rodas de conversa somam-se aos esforços de educadores e pesquisadores brasileiros sobre ensino para fomentar a participação real dos jovens na escola brasileira. Para além do estereótipo social de aluno, busca-se construir campos de expressão desses jovens diversos nos processos pedagógicos escolares.

Por fim, importante explicitar que esse artigo situa-se como um relato de experiência. Este se volta para a descrição das rodas de conversa bem como para o exame analítico das mesmas. Baseia-se nos relatos sobre as rodas de conversa bem como nas memórias que os estudantes do Pibid elaboram sobre as atividades desenvolvidas. Sua análise ampara-se nos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire (2011; 2011a; 2011b). Por meio de suas proposições, avaliam-se as atividades desenvolvidas por estudantes do Pibid-Sociologia Uespi (núcleo Teresina) para a construção das rodas de conversa.

DESENVOLVIMENTO

Essa trajetória de experimentação metodológica tem sustentação na pedagogia de Paulo Freire. Voltado para a desconstrução da “acriticidade” (2011, p. 29), Freire defende uma educação comprometida com a desconstrução das visões parciais da realidade. Essa meta é consenso entre todos os pesquisadores brasileiros que estudam o ensino da Sociologia. Não é possível desenvolver o ensino da Sociologia sem o exercício da desnaturalização, estranhamento e contextualização social e histórica dos fenômenos sociais. Para tanto, parte-se do exame do aparecer social e, com o apoio de estudos e teorias sobre a temática bem como sustentado em dados que contribuem para uma aproximação da realidade, a imaginação sociológica favorece o exame das visões superficiais sobre os fatos e oportuniza meios de exercitar um olhar mais rigoroso e sistemático (BODART, BRUNETTA e CIGALES, 2020).

Para tais exercícios desconstrutivos, as rodas de conversa contribuem com a exteriorização das diversas ideias dos participantes. A equipe de pibidianos estimula os participantes a expressar suas indagações, emitir juízos e externar preocupações com determinados aspectos da problemática em apreço. Parece simples, mas há uma desconfiança sobre como serão tratadas as opiniões dos estudantes. Cansados de não serem contemplados nas metodologias tradicionais de ensino, os estudantes optam, na maioria das vezes, pelo silêncio. Para desconstruir essa resistência silenciosa, são desenvolvidas estratégias que desconstroem a ideia prévia de que a roda de conversa seria mais uma aula. Ou pela exibição de um clipe musical, ou por exemplificações introdutórias feitas pelos licenciandos do Pibid, busca-se mostrar que o propósito daquele encontro virtual é trocar ideias.

A troca de ideias é algo fundamental para uma apropriação significativa dos saberes e das próprias experiências. A roda de conversa objetiva desfazer a reprodução mecânica de conceitos e teorias das Ciências Sociais. Não basta conhecer abstratamente: é preciso apropriar-se dos saberes com o propósito de repensar as opiniões e visões de mundo de todos os participantes. Um exercício de criticidade real e não meramente enciclopédico: este é o grande desafio das rodas de ideias.

Para tanto, os educandos são estimulados a apresentar suas opiniões e exercitar oportunidades de examiná-las melhor ao apreender os comentários dos licenciandos do Pibid e as próprias ideias de seus colegas de turma. A apreciação crítica das ideias expostas supera a falsa ideia de substituir certas opiniões pela compreensão estruturada dos saberes sistemáticos das ciências. Não se defende que os saberes das experiências não possuem validade ou

legitimidade heurística. O que se busca é aprofundar o exame das ideias e conceitos. Vejam alguns exemplos de participação dos jovens educandos através do chat (conversação):

Hoje em dia tudo ou quase tudo que você faz ou fala, já é um racismo, eu acho que a gente não pode ir muito por esse lado, porque já estamos em um mundo tão burocrático.... claro que existe sim racismo, mas na minha opinião nem tudo é um "racismo".¹ (estudante 1)

Ainda existe muito racismo, não é pq o mundo "evoluiu" que algumas pessoas evoluíram juntos também. (estudante 2)

Existe muito, mascarado demais então. (estudante 3)

A partir dessas indagações e observações, os estudantes do Pibid procuram ampliar a reflexão. Neste sentido, suas pesquisas prévias subsidiam uma análise mais rigorosa das ideias expostas pelos estudantes do ensino médio. São pontuados elementos conceituais bem como estatísticas a fim de ampliar o exame reflexivo dos elementos em apreço. A ideia não é dizer que os estudantes estão errados ou equivocados, mas que há outras leituras possíveis para as questões em análise. Essa partilha de ideias engrandece o processo de aprendizados de todos pelo convencimento dialógico. Não se apela para a autoridade do saber científico como verdade cabal ou para o esquema hierárquico entre professor e estudantes (o primeiro como portador do saber e verdugo da ignorância dos estudantes).

A intenção é que haja trocas entre saberes práticos e científicos. Acredita-se que por esse caminho é possível reinventar-se os discursos e saberes e, por sua vez, os próprios sujeitos (educandos e educadores). Para além das práticas de controle e disciplina, as rodas de diálogos são convites à vivência do refletir coletivo onde os sujeitos, pela exposição franca e fraterna de suas ideias, exercitam a análise das realidades que os cercam. Ideias divergentes são apresentadas sem a intenção de corrigir ou ensinar. O propósito é estimular o exame crítico dos pontos de vista: por em movimento os discursos e a arte do pensar. Pode ser que, ao final da roda, alguns persistam com suas ideias. Essa prerrogativa é respeitada pois a roda serve para circular ideias e pensamentos e não para catequisar os participantes. Segue uma troca de ideias entre um estudante e um pibidiano registrada no chat:

Justamente hoje em dia, pense duas vezes em fazer uma brincadeira, porque tudo é levado há esse caminho, já falaram do meu cabelo, da minha cor, mas nem por isso eu fui denunciar, eu só levei na brincadeira e eu falo sim dos cabelos dos outros, mas eu falo principalmente do meu! Sabe por que? Porque na minha opinião temos que levar mais na brincadeira. Uma vez na escola me chamaram de macaco, eu fui e imitei um macaco como uma certa resposta, mas não fui caçar briga ou confusão...! (Estudante 4)

¹ Optou-se por transcrever sem alterar a redação para uma possível adequação à norma culta. Também expressa o respeito que se expressa em relação às falas dos estudantes.

Mas [estudante 4] , as palavras tem força, ainda mais quando as palavras a muito tempo é dita com uma má intenção. (Pibidiano 1)

A desnaturalização das opiniões passa, necessariamente, pelo exame ativo dos estudantes. O licenciando alerta que esses discursos que naturalizam as desigualdades raciais estão institucionalizados historicamente na sociedade brasileira. As “brincadeiras” são modos de mascarar os discursos opressores. Desconstruir essas brincadeiras faz parte de projeto intencional de uma cultura cidadã e inclusiva que respeita as diferenças e não naturaliza discursos racistas. Neste sentido, as rodas de conversa não somente debatem ideias, mas estimulam novos posicionamentos e atitudes dos cidadãos. Nessa roda de conversa sobre racismo, muitos estudantes externaram situações opressivas vividas: a roda acolheu suas memórias e reforçou atitudes de resistência a essas opressões racistas. Os exercícios discursivos em terceira pessoa (típico dos conhecimentos acadêmico) passam a dialogar com os esquemas reflexivos em primeira pessoa. Os estudantes procuram relacionar aqueles sistemas de explicação as suas problemáticas elaboradas na práxis da vida cotidiana. Nesse processo de reelaboração reflexiva, as ideias ganham novos contornos para cada um dos participantes da ciranda de conversa.

Observa-se que as trocas de ideias a partir dos saberes e experiências dos educandos é fundamental para comprometer os estudantes na reelaboração autônoma de seus saberes e dizeres (FREIRE, 2011a, p. 82). À medida que se desenrolam as conversações, exercitam-se práticas de respeito às posições diferentes (FREIRE, 2011a, p. 110). Pelos exercícios dialógicos não se objetiva uma doutrinação ou demonstração do saber certo. Pelo contrário, busca-se a desconstrução de qualquer autoritarismo pedagógico ou sectarismo: “o sectarismo não é crítica, não ama, não dialoga, não comunica [...]” (FREIRE, 2011, p. 49). As rodas dialogais estimulam uma comunicação tolerante, fraterna e pública de ideias e posições. Essas mediações são fundamentais para uma cultura de tolerância e do debate público democrático.

O educando precisa estar participando ativamente da construção das novas leituras sobre si e sobre o mundo: “ninguém educa ninguém” (2011, p. 34). A educação precisa ampliar as possibilidades do educando no sentido de apreensão de si, do mundo, bem como dos modos de fazer-se no mundo (FREIRE, 2011b). As rodas de conversa são experimentos pedagógicos voltados para essa postura criativa e ativa do educando onde são criadas oportunidades para que “os educandos sejam eles mesmos” (2011, p. 41) e explorem novas construções de sentidos e vivências no mundo. Este é o percurso de criticidade que as trocas de ideias (opiniões e saberes)

potencializam: discursos menos sistemáticos dos participantes interagem com outros discursos mais sistematizados graças ao caráter analítico das Ciências Sociais.

E não é só preconceito sobre cor mas sobre sexualidade, gênero e tal. é muito difícil viver nesse mundo sem o racismo. infelizmente é um assunto vivo ainda. (Estudante 5)

No círculo de ideias, outras expressões de discriminação e exclusão social são percebidas. A fertilidade do debate à luz das experiências e dos conceitos produzidos pelas Ciências Sociais estimulam correlações entre as realidades e novas leituras. Com essa dinâmica, os diálogos fomentam uma apropriação mais sistemática e crítica das experiências sociais vivenciadas. Do mesmo modo, novas indagações e novos juízos analíticos sobre os fatos. Esse pensar continuado contribui com uma apreensão significativa dos saberes bem como uma visão positiva sobre a educação escolar.

Os pibidianos, ao desenvolverem suas pesquisas iniciais sobre os temas das rodas, percorrem trajetória similar de pensamento: elaboração de primeiras impressões e indagações, apreciação dos saberes das Ciências Sociais, debates sobre tais estudos nas reuniões da equipe e sistematização das novas ideias durante a elaboração dos textos que embasam a apostila que subsidia a roda de conversa. Durante as cirandas de diálogos, eles ampliam ainda mais sua capacidade de análise e de transposição didática dos conceitos para os questionamentos concretos dos estudantes.

Ao pesquisarem sobre aspectos da temática proposta para a roda de conversa, os pibidianos exercitaram as possibilidades do pensamento analítico. Eles não somente apreenderam conceitos e teorias, mas buscaram fazer correlações com os seus próprios questionamentos como seres do mundo. A orientação dada para iniciar suas pesquisas é que avaliem quais são seus questionamentos sobre o tema proposto para cada roda de conversa. A partir de suas indagações concretas, eles passam para suas pesquisas em busca de respostas.

Thays Carvalho Portela, uma de nossas licenciandas participantes do Pibid, comenta: “Hoje eu vejo ele [Pibid] com um olhar mais humanização, pois ele proporciona uma grande interação entre nós pibidianos e a escola com a qual estamos trabalhando. Além dessa interação, o PIBID ainda proporciona o levantamento de questões sociais, políticas, religiosas e culturais, que durante as rodas de conversa me chamaram muita atenção. Pois através desses diálogos pude perceber não só a minha capacidade de expressar minhas ideias, como a de ouvir pessoas com diferentes posicionamentos, expressando as suas ideias”². Esses exercícios pedagógicos de

² Para diferenciar as fontes das narrativas usadas para exame do relato de experiência, optou-se por trazer os discursos extraídos das memórias produzidas pelos pibidianos no decorrer do desenvolvimento das

colocar-se em contato com outras ideias e indagações enriquecem o processo de educar. Não tomar mais a educação como um ato de ensinar ou transferir saberes, mas como um projeto de ampliação das ideias, vivências e projetos de mundo orientadas por uma visão humanista de educação. Na roda de conversa sobre racismo, a licencianda do Pibid Layana Mota Lima ponderou: “[o racismo] Existe há muitos anos, vem como um ‘hábito estrutural enraizado, como um costume’. Prefiro acreditar que a educação pode transformar tudo isso”. O círculo de ideias anima novos olhares e novos modos de agir e interagir no mundo. A educação escolar não se mantém alheia aos dramas sociais vividos pelos estudantes. Pelo contrário, posiciona-se de modo peremptório a fim de contribuir com a defesa dos direitos fundamentais do ser humano.

Neste sentido, a observação da pibidiana Ludmyla Alves Cavalcante é bastante esclarecedora: “o Pibid possibilitou uma tomada de responsabilidade com conhecimentos diariamente, a cada reunião, fortaleceu a minha capacidade de imaginação, desempenho e minha comunicação”. Não é possível pensar um educador sem responsabilidade, imaginação criadora e abertura às trocas de saberes. Em plena sociedade do conhecimento, a educação precisa dialogar com os diversos saberes, culturas e identidades a fim de favorecer uma aprendizagem interessada e significativa pelos estudantes. Uma das professora do CETI Monsenhor Melo externou o seguinte pensamento no final da roda de conversa:

Gente, obrigada por essa roda de conversa, com certeza sairei com mais conhecimento, parabéns a todos que deram o seu ponto de vista que é algo muito importante para todos.

Essa ideia é reiterada pelo licenciando Marcos Paulo do Rego Moreira: “sei que o Pibid está me ensinando a ter uma nova visão sobre o que pode ser educação, sobre como inovar, como lutar contra amarras que muitas vezes prendem o professor numa bolha de conteúdos ensaiados”. As rodas de conversa rompem com as bolhas de conteúdos esquematizados. Convida educadores e educandos a exercícios permanentes de descobertas e aprendizagens a partir de posturas de estranhamento e desnaturalização das verdades dadas. Certamente que são desafios problemáticos frente a uma educação que, apesar de defender a curiosidade, a pluralidade de saberes e o “pleno desenvolvimento das pessoas” (BNCC, 2018, p. 10), ainda está muito aprisionada à formação de trabalhadores e cidadãos afeitos à reprodução da ordem social imposta (aquela que não é objeto do exame crítico dos conhecimentos).

atividades entre aspas e no interior dos parágrafos. Aquelas ideias retiradas do chat (conversa) durante as rodas de conversa são apresentadas em parágrafos separados nos moldes de uma citação.

Neste sentido, essas rodas de aprendizados propiciam encontros de pontos de vista diversos, estimulam novos olhares pelos estudantes, mas também pelos educadores. Os pibidianos compreendem melhor como os estudantes pensam e, ao mesmo tempo, vivenciam analiticamente processos de orientação de reflexões. Geralmente, a imagem que se tem sobre educação é a de ensinar como transferência de saberes. Eduardo Petrus Lopes da Silva, licenciando do Pibid, ainda traduz em seus relatos sobre as experiências vividas essa ambiguidade: “inspirador porque eu percebi que tenho vontade de passar conhecimento e esclarecedor porque estou vendo o quanto é difícil o trabalho na área da educação”. Esses sentidos engessados (“passar”, “transmitir”, “ensinar” etc.) ainda são muito recorrentes ao explicar o que é educar no campo escolar. Certamente que se carece de explicações sobre conceitos e teorias para favorecer a sua compreensão. Mas, tradicionalmente, o ensino se fecha nessa possibilidade: memorização de conceitos e modelos explicativos (SOUSA, et al., 2020). Essa metodologia tradicional empobrece o processo de pensar e indagar pois não há valorização para os questionamentos e associação entre teoria e prática. O Pibid-Sociologia faz uma opção pela experimentação de uma metodologia ativa: “A metodologia ativa se caracteriza pela inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem” (ALMEIDA, 2018, s. p.).

Importante lembrar que os direitos à aprendizagem (BNCC, 2018) precisam ser experimentados ativamente pelos estudantes: o cidadão educando participa das construções de suas aprendizagens e, diferente dos modos tradicionais de ensino, não reproduz tão somente os saberes expostos nos livros ou pelos professores. Para tanto, a apropriação crítica da linguagem e da realidade como unidade (FREIRE, 2011b, p. 20) é condição necessária para a “invenção da cidadania” (FREIRE, 2011a, p. 56): os diálogos entre os educandos e educadores da escola Monsenhor Melo, mediados pelos saberes e experiências compartilhados, provocam novas elaborações explicativas bem como novos modos de fazer-se no mundo. Segue uma sequência de ponderações no chat da roda de conversa que ilustram bem como os saberes e relatos de experiências se entrelaçam:

Um amigo meu ia ser abordado pelos PMs, mas quando viram que ele tava com uma pessoa branca deixou ele passar. (Pibidiano 1)

A própria formação de policiais é racista. (Estudante 6)

Meus amigos dizem que quando andam comigo eles ficam mais relaxados, porque com eu sou branco e tenho cara de santo. (Estudante 7)

A linguagem e seu repositório de significados fixos é reexaminado à luz das provocações da roda de saberes. Experiências anteriormente naturalizadas são revistas pelos estímulos reflexivos compartilhados no grupo. O racismo deixa de ser tão somente uma teoria sobre as desigualdades raciais e passa a ser uma chave explicativa para as situações reais vividas pelos estudantes. Esses novos olhares contribuem com a consolidação de novos valores e atitudes cidadãs.

A estudante do Pibid, Vanessa Nunes Soares, esclarece: “entre discussões sobre a nova Base Nacional Comum Curricular-BNCC, e planos de continuidade escolar durante a pandemia apresentados pela Secretaria Estadual de Educação do Piauí - SEDUC-PI, nos colocamos a pensar em como podemos fazer uma mudança positiva na educação, nos perguntamos o que é o ‘comum’ em um país tão diverso como o Brasil e quais as barreiras que dificultam os acessos de aprendizado”. No processo de formação da equipe do Pibid, buscou-se um exame crítico da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na sua análise, estimulou-se que os licenciandos do Pibid não se ativessem tão somente à exegese do documento, mas, a partir de suas experiências na educação básica, das limitações vivenciadas em suas escolas (a maioria dos licenciandos provem de escolas públicas) e de suas aspirações sobre as transformações desejáveis para a educação escolar, construísem suas leituras sobre as orientações do documento. Estudar tornou-se sinônimo de problematizar e elaborar novas sínteses interpretativas. Esse movimento dialético do pensar é fundamental para um exame mais rigoroso da realidade e do comprometimento com sua transformação. Reproduzem-se abaixo dois comentários (de uma pibidiana e de uma professora da escola) que ilustram como as rodas de conversa colaboram com o fazer educativo de uma escola:

Na escola, eu tinha um amigo que chamavam de fim de slide (por ser preto), e a direção não se importava ou fazia pouco caso... Nem os professores (Pibidiana 2)

Boa noite! Quero parabenizar pelo evento. Momento de importante relevância. Estou me sentindo muito satisfeita por presenciar o protagonismo de todos vocês. Gratidão a Deus por cada um de vocês existirem e atuarem como escritores de suas próprias histórias 🙏😊 (Professora 1)

As contradições ou silêncios escolares sobre o racismo também foram objeto da roda de conversa. A escola Monsenhor Melo mostra, diferentemente da escola citada pela licencianda do Pibid, um comprometimento com a formação cidadã dos estudantes. Abre-se para experiências que problematizam opressões vivenciadas por seus educandos e reconhece que o protagonismo dos jovens estudantes faz parte dos compromissos sociais da escola. Certamente que as rodas de conversa refletem um ambiente escolar voltado para a formação cidadã de seu público.

O ideal pretendido da autonomia e protagonismo juvenil (BNCC, 2018) é experimentado nos circuitos dialógicos. Thays Carvalho Portela ressalta: “um dos pontos que mais me despertou a curiosidade foi a interação entre os alunos, já que cada um expõe seus posicionamentos e opiniões, enquanto os demais ouvem atentamente as suas falas sem julgarem. Isso, com certeza, é uma das melhores qualidades do programa, pois assim podemos nos expressar sem medo de sermos reprimidos”. Os licenciandos do Pibid descobrem que metodologias ativas implicam na proposição de novos modos de fazer educação em que “o homem deve transformar a realidade para ser mais” (FREIRE, 2011, p. 38 e 39).

Nesse sentido, destaca-se a importância da construção de um sentido da responsabilidade ética do educador. Através da caminhada processual de construção das rodas de conversa, os pibidianos vivenciam eticamente a responsabilidade de educar. Sabe-se que o sistema de ensino é marcado por inúmeras limitações (de disponibilidade de recursos à gestão dos mesmos, dos limites de infra-estrutura das escolas à falta de uma real valorização financeira e moral dos professores, entre outras). Mas, nesse contexto contraditório, é preciso manter uma postura ética frente à educação: compromisso tanto para discutir os limites do sistema educacional e lutar por sua transformação, como também para vivenciar uma responsabilidade moral pela formação cognitiva, ética e cidadã dos estudantes no interior das escolas. Esta formação integral e crítica deixa de ser mero conceito ou especulação e passa a ser encarada como desafio diário dos educadores em formação. Muito simples especular sobre uma educação desejável, mas, como, diante das limitações impostas e dos discursos naturalizados (“nada pode ser feito”, “o sistema é assim mesmo”, “isso é perda de tempo”, “não importa o que você faça, tudo permanecerá do mesmo jeito”), lutar cotidianamente por exercícios pedagógicos críticos e potencializadores de novos modos de fazer-se no mundo em movimento.

Importante resgatar o comentário de nosso estudante do Pibid sobre como as escolas brasileiras ainda navegam em meio à reprodução e aos projetos de transformação:

Lembro do que as meninas falaram antes: a escola é um ambiente super importante para construção da identidade, da forma como é tratada uma pessoa preta. Como a gente vive numa sociedade racista, a escola tende a ser um lugar de reprodução, porque já está fixo e muitas vezes ninguém percebe. (Pibidiano 1)

Ao tempo que se apresenta como um espaço de afirmação de identidades que desconstruem o racismo, por outro lado, pode servir para a perpetuação de expressões de intolerância. Para a equipe de educadores em formação do Pibid-Sociologia, muito importantes esses pequenos exercícios de uma educação que se posiciona frente às contradições do mundo.

Posicionar-se claramente em favor de uma sociedade justa e democrática é dever da educação escolar.

Neste sentido, a observação de Ludmyla Alves Cavalcante é bastante esclarecedora: “o Pibid possibilitou uma tomada de responsabilidade com conhecimentos diariamente, a cada reunião, fortaleceu a minha capacidade de imaginação, desempenho e minha comunicação”. Não é possível pensar um educador sem responsabilidade e imaginação criadora. Em plena sociedade do conhecimento, a educação precisa dialogar com os diversos saberes, culturas e identidades a fim de favorecer uma aprendizagem interessada e significativa pelos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como relato de experiência, este ensaio contribui com alguns apontamentos elaborados ao longo desses seis primeiros de Pibid-Sociologia. Foram realizadas quatro rodas de conversa: duas sobre consumo e duas sobre racismo. A partir desses experimentos pedagógicos, verifica-se a importância da pesquisa como passo necessário para a orientação de um fazer pedagógico emancipatório. Esse amparo no conjunto de saberes e estatísticas sobre os fatos contribui com a problematização dos fatos. Além disso, tem papel fundamental na crítica das opiniões que alimenta a ciranda de conversas.

Segundo, não se confunde educação com ensino: a mera reprodução de saberes dados e fechados é substituída por uma elaboração significativa dos saberes tanto pelos educadores como pelos educandos. Não se pretende prender-se à memorização e replicação de conceitos abstratos. A educação significativa pressupõe uma colaboração ativa dos educandos na interpretação e reinterpretação dos saberes.

Terceiro, a associação entre teoria e prática está ao alcance de todos por meio da mediação dialógica aberta e horizontal. O mundo das certezas e das divisões hierárquicas (professor e aluno, saber científico e saber prático) é posto em questão por uma educação democrática e comprometida com o pensamento autônomo de todos.

Quarto, a imagem de cidadania supera a mera identificação de direitos e deveres para provocar um fazer-se no mundo pela arte do questionar, produzir novos saberes e comprometer-se com uma sociedade inclusiva e justa. Supera-se a compreensão limitante da cidadania centrada na figura do cidadão individual e desafia a educação a propor uma construção participativa, crítica e coletiva de cidadania.

Quinto, como sujeitos de linguagem e discursos, educandos e educadores superam as formas discursivas fechadas e disciplinadas para exercitar outros campos de compreensão e

vivência do fazer-se no mundo por exercícios de desconstrução discursiva. A multiplicação de narrativas, as trocas de pontos de vista, apreensões contextualizadas dos saberes científicos, toda essa complexidade de elaborações de pensamento anima o pensar-se no mundo por educandos e educadores.

O projeto Pibid-Sociologia Uespi (núcleo Teresina) defende que esse é um dos grandes desafios do ensino da Sociologia – estimular entre professores e estudantes disposições para problematizar a realidade social complexa, histórica e contraditória, construir novas interpretações à luz dos conhecimentos das Ciências Sociais e inspirar compromissos com a construção de uma sociedade participativa e garantidora dos direitos necessários ao pleno desenvolvimento humano. Certamente que não é tarefa exclusiva da Sociologia, mas, por sua própria natureza epistemológica, as Ciências Sociais (Antropologia, Política e Sociologia) potencializam visões mais abrangentes sobre o mundo bem como compromissos humanísticos com a superação das injustiças sociais. Esses primeiros passos do Pibid-Sociologia têm desafiado a problematizar a educação escolar assim como a experimentar certas possibilidades para sua construção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. "Apresentação". In: BACICH, Lilian e MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

BODART, Cristiano das Neves; BRUNETTA, Antonio Alberto e CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.

BODART, Cristiano das Neves; BRUNETTA, Antonio Alberto e CIGALES, Marcelo Pinheiro. PIBID e o ensino de Sociologia. In: _____. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011b.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014, p. 103-118. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2421>. Acesso em: 29 de outubro 2019.

SOUSA, Luciano de Melo e NASCIMENTO, Edvaldo Gonçalves do. Percepções da disciplina Sociologia entre alunos do terceiro ano do ensino médio. In: SOUSA, Luciano de Melo (org.). **Inquietudes sociológicas**: ensaios sobre gênero, sexualidade, cultura, ensino de sociologia e educação. Curitiba: Appris, 2020 (p. 145-164).

SOUSA, Luciano de Melo e outros. Ensino da Sociologia em escolas particulares de Teresina. In: SOUSA, Luciano de Melo (org.). **Inquietudes sociológicas**: ensaios sobre gênero, sexualidade, cultura, ensino de Sociologia e educação. Curitiba: Appris, 2020 (p. 165-188).